

GESTA DE ASSOMBROS: A OBRA REGIONALISTA DE BERNARDO ÉLIS E AS PAISAGENS DA CULTURA EM GOIÁS

DEED OF WONDERMENT: THE REGIONALIST WORK OF BERNARDO ÉLIS AND THE LANDSCAPES OF CULTURE IN GOIÁS

Maria Cecília Ribeiro Abdalla

Graduada em História pelo Instituto de Educação e Ensino de Samambaia-DF

mcecy1972@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6927-8778>

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

ricardo.goncalves@ueg.br

<https://orcid.org/0000-0002-8033-0426>

Resumo: A literatura de Bernardo Élis é fonte de interpretação da sociedade, da cultura e das paisagens goianas. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi interpretar a identidade e as paisagens goianas representadas na obra em prosa e verso de Bernardo Élis. Para isso, contou-se com análises de livros do autor como *Veranico de Janeiro* (1966) e *Primeira chuva* (1955). Ademais, procedeu-se de revisão bibliográfica fundamentada em textos da Geografia Cultural e da Geografia e História de Goiás. A aproximação entre espaço, paisagem e literatura contribuiu com os resultados desenvolvidos no decorrer do artigo, dividido em duas partes. No primeiro momento revelou-se a relação entre a obra de Bernardo Élis e as paisagens da formação socioespacial goiana. Na segunda parte, destacaram-se elementos que constituem a identidade e a “goianidade” em Goiás, com destaque a elementos da cultura e da paisagem regionais. Considera-se que esta pesquisa demonstra a importância da literatura regionalista para o processo de compreensão da formação socioespacial goiana. Fortalece, em particular, a interpretação da obra de Bernardo Élis a partir da interlocução entre literatura e demais campos de saberes como a Geografia.

Palavras-chave: Goiás. Cultura. Paisagem. Identidade. Bernardo Élis.

Abstract: Bernardo Élis' literature is a source of interpretation of society, culture and landscapes in Goiás. In this sense, the objective of this research was to interpret the identity and landscapes of Goiás represented in the prose and verse work of Bernardo Élis. For this, analyzes of the author's books such as *January summer* [*Veranico de Janeiro*] (1966) and *First rain* [*Primeira chuva*] (1955) were used. Furthermore, a bibliographic review was carried out based on texts from Cultural Geography and Geography and History of Goiás. The approximation between space, landscape and literature contributed to the results developed throughout the article, which is divided into two parts. At first, the relationship between the work of Bernardo Élis and the

Building the way

landscapes of the socio-spatial formation of Goiás was revealed. In the second part, elements that constitute the identity and “goianidade” in Goiás were highlighted, with emphasis on elements of regional culture and landscape. It is considered that this research demonstrates the importance of regionalist literature for the process of understanding the socio-spatial formation of Goiás. It strengthens, in particular, the interpretation of the work of Bernardo Élis from the interlocution between literature and other fields of knowledge such as Geography.

Keywords: Goiás. Culture. Landscape. Identity. Bernardo Élis.

Introdução

Compreender as paisagens e a cultura goianas representadas na literatura regionalista feita em Goiás requer a leitura da obra de Bernardo Élis. Esse escritor vasculhou o espaço do sertão para tecer narrativas como os contos *A enxada* e *Nhola dos Anjos e a cheia do Rio Corumbá*; a novela *André Louco*; o único livro de poemas *Primeira Chuva*; e o romance *O tronco*. Por conseguinte, através da obra em prosa e verso bernardiana é possível conhecer e interpretar o largo processo de formação social do território goiano.

Paul Claval (2001) diz que a paisagem é expressiva da atividade produtora ou do trabalho realizado pelos seres humanos no espaço e de seus esforços para habitar o mundo, conforme suas necessidades. As paisagens percebidas não estão dissociadas da experiência humana no mundo. A leitura de uma paisagem tem relação com a vasta vivência dos sujeitos e de suas concepções de existência.

Assim, este estudo propôs interpretar as paisagens culturais do sertão goiano representadas na literatura de Bernardo Élis, em específico na obra *Veranico de Janeiro* (1979). Nesse livro de contos percebe-se a integração ser humano-natureza e o processo de humanização por ele promovido como elemento caracterizador da paisagem e da cultura no sertão goiano. Há na obra desse escritor goiano o que Herman Lima denominou “gesta de assombros”, os feitos humanos e imaginários que tecem os espaços ermos e profundos.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi interpretar a cultura e as paisagens goianas representadas na obra em prosa e verso de Bernardo Élis. Para isso, contou-se com análises de livros do autor como *Veranico de Janeiro*, lançado em 1966. Ademais, procedeu-se de revisão bibliográfica fundamentada em textos da

Building the way

Geografia Cultural e da Geografia e História de Goiás. Aproveitou-se também de referências no campo da crítica literária.

A aproximação entre espaço, paisagem e literatura contribuiu com os resultados desenvolvidos no decorrer do artigo, dividido em duas partes. No primeiro momento revelou-se a relação entre a obra de Bernardo Élis e as paisagens da formação socioespacial goiana. Na segunda parte, destacaram-se elementos que constituem a identidade e a “goianidade” em Goiás, com ênfase em elementos da cultura e da paisagem regionais.

Considera-se que esta pesquisa demonstra a importância da literatura regionalista para o processo de compreensão da formação socioespacial goiana. Fortalece, em particular, a interpretação da obra de Bernardo Élis a partir da interlocução entre literatura e demais campos de saberes como a Geografia.

A obra de Bernardo Élis e as paisagens da formação socioespacial de Goiás

Foi rente ao brilho do ouro de aluvião que a história de Goiás se iniciou a partir do processo de colonização no século XVIII. Mas, antes disso, nos vastos sertões do Cerrado a presença humana firmou-se há cerca de 13 mil anos. Nasr Fayad Chaul (2018, p. 46) escreve que “[...] o ouro escondeu diante de seu brilho fácil o nosso passado, a mão de obra escrava ocultou o índio, a economia determinou o nascimento da história sem povo e demarcou a infância de Goiás sob as rugas da decadência.” Com a descoberta de ouro às margens cascalhentas dos córregos e rios, iniciou-se o processo de inserção do território goiano à empresa colonial europeia.

Com a fundação do Arraial de Sant’Anna em 1726 e, conseqüentemente, dos demais povoados às margens dos rios de produção aurífera, a paisagem local foi transformada. O Arraial de Sant’Anna e o Arraial de Meia Ponte passaram a constituir centros da vida econômica, política e cultural nos sertões de Goiás. O período de ascensão da extração aurífera foi tão rápido quanto a sua crise. As técnicas rudimentares de extração se tornaram um entrave na manutenção do processo extrativista do metal que, por ser explorado nas áreas de aluvião, exigiria intensa mão de obra, agregada ao capital para manutenção do processo de exploração e administração da produção do ouro.

A arrecadação de taxas e impostos cobrados pela Coroa reduziram consideravelmente após meados do século XVIII. O declínio em um período tão curto

Building the way

forçou os exploradores a concentrarem a mão de obra na extração aurífera. Em contrapartida, isso dificultou a aquisição de alimentos e a importação de produtos de outras áreas do país, encarecendo sobremaneira os preços dos itens essenciais à subsistência local. A sociedade começou, então, a estruturar o que Borges (2016) denominou de “fazenda-roça goiana”.

A população fixava nas terras goianas era constituída principalmente por mineiros que alimentavam o sonho de grandes jazidas auríferas nas regiões das bacias hidrográficas do Araguaia e do Tocantins. Eles entraram em contato com indígenas, pardos e negros que habitavam o território goiano. Assim, nos ermos do sertão esses habitantes miscigenados promoveram a estruturação de uma cultura e uma identidade, ancorados na paisagem do Cerrado e suas territorialidades. Passou-se a constituir no largo território goiano a matriz sertaneja (BORGES, 2016).

A produção historiográfica de Goiás até a década de 1970 atentou-se às narrativas baseadas na história política e econômica. Mas, a partir desse momento iniciaram-se estudos pautados na história social fundamentados no interesse por toda atividade humana socialmente constituída. Silva (2015) ressalta que parte do conhecimento histórico e identitário de Goiás em muito se deve a Luis Palacín. Esse autor dedicou suas análises à perspectiva econômica da atividade mineradora em Goiás e também explicitou a “realidade goiana” em um contexto de transformações na dinâmica populacional e administrativa. Neste sentido, é uma referência fundamental para se entender a formação socioespacial goiana a partir de elementos da cultura, da economia e da política.

As contribuições de Luis Palacín (1972; 1976; 1981) para se interpretar Goiás enlaça elementos da formação econômica e da cultura. Com isso, demonstrase que a existência humana se realiza também na relação com o espaço e em contato com as paisagens. As paisagens, por sua vez, são reveladoras da vida social enredada no espaço e, por isso, produtora de cultura.

Paul Claval (2001) diz que a paisagem traz a marca da atividade produtora dos seres humanos e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é urdida pelas técnicas que a sociedade domina e pelas convicções religiosas, as paixões ideológicas, os gostos estéticos e os dramas humanos. As paisagens também são reveladoras da relação da sociedade com a natureza. Por

Building the way

isso, a literatura enquanto atividade humana que narra o espaço é representativa de paisagens.

Neste sentido, a literatura regionalista aproveita das paisagens como cenário de seus enredos e construção de personagens. Na citação abaixo, por exemplo, Bernardo Élis (1979) apresenta a natureza da região de Corumbá com suas espécies nativas do Cerrado e demonstra a transformação do ambiente diante da chegada no período chuvoso. É uma narrativa que avulta a representação das paisagens do Cerrado.

Eram as chuvas. As águas que se aproximavam. Daí uns dias os cerrados calcinados deliravam no amarelo das Caraíbas e o roxo das sucupiras. No mar de fronteiras das matas alvorecia a lua dos Ipês. [...] A poeira era uma coisa por demais, sujando as caras, sujando as roupas, enegrecendo mais ainda o céu fuliginoso; essa poeira que o vento irrequieto sacudia nas estradas poluídas do Sertão. Não sossegava nunca, zumbido dia e noite, assoprando os ouvidos da gente, varrendo o pó, arrastando os gravetos, acendendo as queimadas, esturricando mais ainda os velhos chapadões escalvados, arranhados de estradas, de cuja terra chupava o derradeiro pingo d'água. Um céu defunto escorava-se nas centenas de pernas dos bulhões de fumaça que se erguiam das queimadas (ÉLIS, 1979, p. 68).

As dificuldades em transpor o período da seca era um norteador da produção e estocagem de milho em paióis para posterior uso como alimento para os animais até o início das chuvas e aumento do capim das pastagens. As plantações eram limitadas, pois a forma rudimentar de produção não possibilitava a produção em larga escala. A enxada era o objeto/ferramenta de desejo do sertanejo, objeto com um valor agregado cuja aquisição era impossibilitada pela grande maioria dos agricultores da época. A solução para o plantio, então, era a utilização do método de queima do solo e jogar, com as mãos, as sementes em meio às cinzas. Algumas plantas de manejo mais fáceis passaram a constituir a culinária dos povos do Cerrado goiano, como é o caso da mandioca e o milho, ainda presentes no cotidiano da população de Goiás. O consumo de frutos nativos do Cerrado como o buriti, o caju, o araçá, o pequi, o jatobá e as castanhas como o baru passaram a integrar a culinária local.

Percebe-se, assim, que a cultura sertaneja em Goiás é constituída na relação com a natureza e as paisagens do Cerrado. Para Vidal de La Blache (1954) a cultura é algo que se entrepõe entre o homem e o meio, humanizando as paisagens. É apreendida através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens

Building the way

que modelam. Paul Claval (2001), por sua vez, afirma que ao analisarmos os gêneros de vida perceberemos como a elaboração da paisagem reflete a organização social do trabalho e dos sujeitos no espaço. Reflete, assim, o conjunto de técnicas e meios que os indivíduos utilizam para a produção do necessário à sobrevivência.

A cultura é, segundo Paul Claval (2001), a soma de comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas. Em uma outra escala, é também constituída pelo conjunto dos grupos que formam uma sociedade. Essa diversidade de comportamentos, saberes e técnicas são transmitidos como herança no decorrer das gerações. Sendo assim, ela não é imutável, mas transforma-se ao longo do tempo por intermédio do contato com povos de diferentes culturas, com suas línguas, danças, culinária, música e saberes.

A cultura também envolve as paisagens. Paul Claval (2002) afirma que o sentido de coletividade e de identidade de muitos grupos tem ligação com as paisagens da lembrança e da memória. “O sentido de identidade de muitas coletividades sociais está ligado às paisagens da lembrança e da memória” (CLAVAL, 2002, p. 22).

Neste sentido, na obra de Bernardo Élis as representações das paisagens são expressivas de elementos da cultura goiana em sua relação com o Cerrado. Há narrativas que ilustram a importância das paisagens do Cerrado na constituição da identidade do sertanejo em Goiás. De acordo com Silva et.al (2017, p. 98) a noção de domínios da natureza manifesta-se na obra desse escritor goiano e sintetiza a relação do ser humano com a natureza em um processo produtor de cultura.

Sua literatura remete ao conceito de domínios da natureza porque integra à representação da paisagem, recurso literário intensamente utilizado em suas narrativas, elementos culturais e processos ambientais, valorizando a relação do homem com o meio na dinâmica de suas interações, harmônicas ou conflituosas” (SILVA et.al, 2017, p.98).

Além disso, Silva et.al (2017) demonstra como a paisagem se inscreve no tempo e espaço da formação territorial goiana. Desse modo, por intermédio da obra regionalista realista de Bernardo Élis, as paisagens que constituem a natureza e a cultura em Goiás são representadas com sensibilidade estética.

Building the way

A paisagem inscreve-se, simultaneamente, no espaço e no tempo, nas lembranças do indivíduo e na memória coletiva, não apenas como espaço de contemplação, mas também como representação das tensões e danos que marcam a trajetória dos grupos sociais e implantam imagens duradouras do mundo físico na sensibilidade dos homens. É nesse sentido que podemos pensar a observação dos cenários naturais na obra de Bernardo Élis, que foi, sem dúvida, um dos grandes paisagistas do regionalismo brasileiro, ao fazer da descrição da natureza um contraponto perfeito ao universo o mais das vezes desencantado das interações humanas. Na natureza goiana nada vemos que lembre a insipidez da rotina e as possibilidades limitadas de seus personagens, presos, em geral, à sua condição de carência de recursos materiais e mentais. A observação da natureza é, muitas vezes, na prosa de Élis, uma forma de redenção do homem em face dos pequenos e grandes dramas vividos nas roças e povoados do sertão (SILVA et.al, 2017, p.106).

Percebe-se, através da citação de Silva et.al (2017), que a descrição das paisagens na obra regionalista de Bernardo Élis conecta elementos da natureza e da cultura em Goiás. Isso revela a importância de atentar-se à cultura como elemento constituidor da relação do ser humano com o espaço. Claval (2001) afirma que após a renovação da Geografia Cultural, passou-se a compreender que os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica; eles são também carregados de sentido por aqueles que os habitam. Neste sentido, pode-se dizer que as narrativas da literatura goiana revelam sutilezas dos escritores na sua relação com o espaço. A narrativa literária regionalista realista permite perceber as paisagens enquanto expressões da relação identitária dos sujeitos com os territórios onde vivem e trabalham.

No trecho abaixo pode-se compreender, na narrativa de Bernardo Élis (1979, p. 4), a percepção da paisagem representada na obra *Veranico de Janeiro*.

O sol era terrível, de umas três horas da tarde, que arrancava faísca nas lajes, acendia-se em chispas nas folhas verdes, tremia nos longes num retremor de vapor exalado. Veranico de janeiro. Veranico brabo que estava esturricando os milharais embonecados e os arrozais principiando o inchar dos grãos. Tão forte que a poeira levantada pelo carro e suas dez juntas de bois imitava a poeira do mês de agosto.

O autor constrói, através da narrativa literária, o ambiente sertanejo habitado pelas personagens e a percepção de aspectos da natureza do sertão como o denominado “veranico de janeiro”. No sertão goiano, o veranico enredado por Bernardo Élis sintetiza o momento de estiagem e calor no mês de janeiro que favorece

Building the way

a produção de alimentos. Logo, na narrativa de Élis é revelador da dependência dos sertanejos em relação à natureza indômita. O modo de vida da comunidade local dependente dos plantios e colheitas nos períodos de chuva e estiagem.

O processo de lavrar a terra era uma demonstração clara de integração ser humano/meio, pois o solo como fonte de sustento havia de ser transformado para a efetivação do plantio, mas as interferências meteorológicas – o veranico de janeiro - impunham o momento e a extensão de seu uso. Além disso, os instrumentos utilizados para o trabalho na terra eram outro empecilho no processo produtivo, pois condicionavam o tamanho da área explorada e utilizada. Havia também a limitação dos instrumentos de trabalho, a enxada e o machado eram objetos para poucos devido ao seu valor agregado à época.

Cirqueira (2011) explica que o título *Veranico de Janeiro* é uma referência metafórica para interpretar o sertão e a vida cotidiana sertaneja em Goiás.

De tal modo, acreditamos que o título *Veranico de Janeiro* é utilizado pelo autor como metáfora estruturante da obra para se remeter à vida cotidiana de uma comunidade. O termo veranico é utilizado em sua variável regional, e ele não é usado ao acaso, visto que a sua manifestação enquanto fenômeno da natureza define uma localização – alguma região do estado de Goiás – e uma temporalidade – o mês de janeiro. Isso também é evocado para ressaltar as contradições existentes nessa comunidade, pois os temas presentes na obra, como a morte, a subjugação, a exploração, a violência (física e psicológica), o sexismo, o coronelismo, o racismo etc. são sinônimos de uma “estiagem durante a estação chuvosa, com dias de calor intenso e insolação” (AGRITEMPO, 2008). Essa estiagem, essa seca em período de chuva, metaforiza os problemas sociais e individuais existentes no sertão goiano. O veranico é a estiagem que atua na vida das pessoas, contudo, num período que deveria estar chovendo, que deveria estar radiante de vida; em outras palavras, as pessoas vivem em seca em um local onde seria possível uma existência plena, sem problemas sociais ou pessoais (CIRQUEIRA, 2011, p.96-97).

A análise de Cirqueira (2011) demonstra que em *Veranico de Janeiro* os elementos da natureza do bioma-território Cerrado - como as estiagens, as chuvas, a paisagem ressequida - são representados integrados aos tipos populares que vivem e trabalham no sertão. Sujeitos que defrontam o cotidiano da violência, do trabalho rude nas roças, o coronelismo e os latifúndios violentos, o medo e a ameaça constantes recaídas no cotidiano de agregados, posseiros, camponeses e descamisados da vida rural goiana.

Building the way

Todavia, nos ermos do sertão largo e profundo, elementos da cultural regional são narrados e interpretados na obra de Bernardo Élis por meio de personagens, espaços e paisagens descritos em contos, romances e poemas. Esse escritor foi exímio em apreender a vida social no sertão. Por isso, vasculhou o denso mundo sertanejo como espaço de narrativas reveladoras da religião popular, dos saberes vernaculares e das relações de trabalho tacanhas nos latifúndios.

Para Paul Claval (2001, p.194), a ocupação e a percepção do espaço pelos indivíduos se fazem pela delimitação de fronteiras e a instituição de marcas que lembram identidade comum. Essas marcas no Cerrado goiano são expressivas de paisagens culturais da formação socioespacial em Goiás. Entre essas expressões da paisagem cultural destacam-se as crenças religiosas. O processo colonizatório ligado à disseminação do poder da Igreja Católica nos sertões. Diante disso, os monumentos religiosos traziam uma forma de coordenar a organização social implantada no Planalto Central e constituiu, em grande parte, a estrutura cultural do sertanejo.

Para Borges (2016, p.147), disseminou-se no sertão goiano o que denominam “cristianismo de roça que, no pacto de poder, deu margem ao mundo de obediência e à violência submetida aos desprovidos da posse da terra”. O mesmo autor destaca que o “catolicismo de roça” é uma característica da “fazenda roça-goiana”.

A decadência da mineração em Goiás na segunda metade do século XVIII direciona o estado para uma nova organização espacial, a qual chamamos de Fazenda-roça goiana. Essa comandou Goiás por aproximadamente dois séculos, final do século XVIII a meados do século XX, quando foi atravessada pela modernização do campo. Tal organização representou a interação dos elementos internos e externos que, de forma dialética, particularizou e integrou a Fazenda-roça goiana à condição espacial brasileira e mundial da época. Condição que nos levou a considerar que se trata de uma singularidade, pois não existiu outra igual no Brasil, ainda que dentro da totalidade sob o comando capitalista. Nesse sentido, delineada pela relação de elementos internos e externos mediados, adaptados e conflitados a Fazenda-roça goiana caracterizou-se em uma realidade intrínseca aos moldes da ruralidade na qual se fundamentava Goiás e a existência sertaneja (BORGES, 2016, p.11).

Uma das características da “fazenda-roça goiana” é a religião fundada no “catolicismo de roça”. Com efeito, no mundo sertanejo, as comemorações das festas religiosas movimentavam, e ainda movimentam, a vida social dos aglomerados

Building the way

urbanos e rurais. Os festejos se misturavam com as demais crenças religiosas e, em muitos casos, se expressavam em formas de ecletismo religioso como é o caso das Congadas; mistura de festas trazidas pelos negros escravizados com a religiosidade cristã praticada pelos cristãos da colônia.

Na obra de Bernardo Élis, o imaginário religioso e as paisagens culturais produzidas pelo “cristianismo de roça” são narrados de maneira exímia. A citação abaixo, extraída de *Veranico de Janeiro*, é ilustrativa da presença de elementos da paisagem cultural religiosa na obra do escritor goiano.

114

Desde às quatro horas da madrugada, em casa de Julião, lá perto do cemitério, principiava o ensaio de congos. As danças de os diálogos mal se podiam efetuar porque muitas das figuras moravam na roça ou andavam pelas folias e só estariam na rua na semana da festa (ÉLIS, 1979, p.25)

Além dos relatos dos festejos de Congo deparamos com elementos de uma culinária que foi instituída aos sertanejos pela fusão de elementos da alimentação dos mineiros, mas também de comidas e bebidas que vieram da cultura africana pelos escravos, além de incrementos da tradição indígena: “Ao calor da fogueira e da cachacinha corrida de boca em boca [...] Liduvino estava atarefado, da cozinha para o terreiro, e do terreiro para a cozinha, uma toalha branca no pescoço, servindo café, biscoito de goma, goles de cachaça” (ÉLIS, 1979, p. 26).

As narrativas que vasculham o mundo da cultura em Goiás mobilizam uma pergunta: o que é ser goiano? Ao perguntarmos o que é ser goiano deparamos com o conceito de “goianidade”. Neste sentido, Nasr Chaul (2011, p.42) afirma:

Assim, será a partir da rediscussão das ideias de “decadência” e de “atraso” que vislumbraremos a construção da ideia de modernização enquanto progresso, buscando a identidade goiana, a goianidade, que permeou toda a história de Goiás após o movimento de 30. Após 1930, era necessário inserir a região na nação. O resgate que os grupos dominantes do pós-30 fizeram das ideias acima expostas e o uso político-ideológico dessas mesmas ideias na construção da imagem de “um novo tempo”, de um “novo Goiás que emergia”, de um “estado novo” que solucionaria os problemas gerais do passado, de uma “nova capital” em consonância com os interesses dos grupos políticos em ascensão, puderam traçar o perfil da goianidade que iria se transfigurar na brasilidade apregoada no período.

Building the way

A partir dos argumentos de Chaul (2011), pode-se afirmar que ser goiano é bem mais que uma simples adjetivação pátria, é ser um sujeito marcado por uma forte e diversificada herança cultural; é o homem e a mulher destemidos e valentes. É um povo que não se envergonha de um passado assinalado pela vida sertaneja, e que nela ainda possui traços marcantes, tanto na música, quanto na culinária com a presença do “arroz com pequi” e do “franguinho na panela”; nas vestimentas, na linguagem arrastada do “r”, na vida simples pautada na roda de prosa regada à uma boa viola ou uma cachacinha; nas cavalgadas, festas de Folia de Reis e casamentos na roça.

Trata-se também de uma gente que, embora inserida na contemporaneidade, está ligada ao desenvolvimento do restante do país, ainda que marcada especialmente pela tecnologia e seus arrasadores avanços, preserva traços originais de um passado não muito distante que retoma o *modus vivendi* de seus antepassados e foi cuidadosamente preservado pelas gerações de pais, avós e tios que compõem as famílias goianas. Passado esse revivido nas obras do escritor Bernardo Élis. Com efeito, diante de suas narrativas temos condições de compreender que grande dos valores morais, religiosos e práticas sociais que percebemos na sociedade goiana na atualidade fazem parte de um processo identitário construído ao longo dos anos. A produção literária de Bernardo Élis está intimamente ligada ao sertão de Goiás, com uma temática regionalista de expressão neorrealista.

Neorrealismo, nesse sentido, mais que uma escola literária determinada por cartilha, é uma posição política do escritor. Apesar do aspecto regionalista a sua obra possui um caráter universal, na medida em que retrata problemas que afligem a mulher e o homem do campo. Essa atemporalidade da obra bernardiana permite refletir sobre aspectos identitários que permeiam a sociedade goiana desde os exórdios. As representações de trabalhadores rurais e suas precárias condições de trabalho refletem uma parcela dos indivíduos que habitam o mundo rural atualmente, contrastando com os elementos de modernidade espelhados nas produções midiáticas acerca do agronegócio tecnológico difundido em Estados como Mato Grosso e Goiás.

No conto *A Enxada*, Bernardo Élis narra a história de Supriano (Piano) e sua saga para conseguir um instrumento de trabalho, uma enxada, pois tinha uma dívida que deveria ser paga com o plantio de uma roça de arroz para Elpídio Chaveiro

Building the way

até o dia de Santa Luzia. Mas a problemática surge a partir do momento em que Supriano não possuía o instrumento necessário para executar a tarefa. Inicia-se, então, uma jornada e uma corrida contra o tempo de Supriano para conseguir o objeto – a enxada - e realizar o plantio firmado no acordo com Elpídio. A forma de Supriano se expressar é um limitador para que consiga o objeto emprestado. Assim, vendo-se com seu pedido negado em todas as investidas, o pobre trabalhador tem um momento de surto e desespero que o leva a cavar o chão com as mãos. Restando apenas os tocos de mãos, sangue e terra, Piano estava a encerrar sua tarefa quando foi surpreendido pelos soldados, que o abateram ali com um tiro que ecoou grave na mata.

Percebe-se, pela narrativa do conto *A enxada*, que Bernardo Élis apreende elementos do trabalho, da violência na terra, das paisagens do sertão e do imaginário religioso regional. Esse último aspecto, ainda hoje, comparece nas manifestações culturais goianas, principalmente nos festejos religiosos, como elemento qualificador na construção da 'goianidade'. As festas de Congada e Folia de Reis narradas nas obras de Bernardo Élis ainda são elementos da larga manifestação cultural goiano.

Há na cultura goiana uma avultada expressão da religiosidade popular. As manifestações do catolicismo popular rural ainda são amplamente praticadas em Goiás: a Folia de Reis que continua peregrinando em muitas cidades do interior goiano; a Congada; os ritos da Quaresma e da Semana Santa, que diminuíram de rigor e intensidade, mas ainda são praticados pelos goianos, principalmente nas cidades do interior.

Finalmente, as festas religiosas, grandes ou pequenas, têm sua origem ligada ao universo rural. A Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, e as diversas festas do(a) padroeiro(a), embora praticadas no mundo urbano, têm um componente de tradição que remete a uma herança rural. Em Abadia de Goiás, por exemplo, a Festa em Louvor a Nossa Senhora de Abadia, padroeira do município, não só enaltece a fé católica local como também, fomenta o comércio local durante os seus sete dias de comemoração. As novenas de São Sebastião, iniciadas antes mesmo da fundação da cidade de Abadia de Goiás, reúnem milhares de fiéis que passam essa tradição para os mais novos, resgatando as tradições dessa sociedade desde seus primórdios coloniais.

Building the way

A romaria de carros de boi, que continuam se dirigindo a Trindade na época da festa, é um exemplo da continuidade e da ressignificação de tradições religiosas oriundas do mundo rural, unindo o tradicional e o passado ao presente com estruturas psicodélicas, com efeitos de luzes, sons e usos de alta tecnologia em apresentações de *shows* musicais. Neste mundo profundo arvoram as paisagens culturais goianas que foram narradas na obra bernardiana.

117

Paisagens culturais goianas interpretadas na obra bernardiana

Na obra *Veranico de Janeiro*, Bernardo Élis incorpora à narrativa trechos de letras de músicas representadas em manifestações religiosas e da cultura popular como a Congada e a Folia de Reis. É o caso da toada dos conguinhos representada em citação no início do conto *A Enxada*:

Matou, roubou,
Mas foi para a cadeia.
Matou, roubou,
Mas foi para a cadeia.
(*Toada dos Conguinhos de Corumbá de Goiás*, ÉLIS, 1979, p. 36)

A presença de causos na vida social goiana também comparece nos contos de Bernardo Élis em *Ermos e Gerais*, lançado em meados da década de 1940. Nos contos desse livro há narrativas que esboçam causos e saberes típicos da sociedade sertaneja, demonstrando o cotidiano nas décadas de 30 e 40 do século XX.

Era um São João com todas as exigências protocolares: terreiro varrido, no meio dele, descansando num X de varas de pindaíba. O mastro pintado de tauá e oca com o pé a beira do buraco tapado com um caco de telha. [...] era a ave Maria e reunia se um povão na chácara. [...] servia um café com bolo de mandioca. O pessoal barulhento, risonho, cercou a fogueira. Um balão começou a subir. Não. É mentira. Não há balões nos são-joões analfabetos das roças (ÉLIS, 2005, p.195).

A comida carrega traços da memória e da cultura goiana. “O que hoje chamamos de culinária goiana representa uma história de colonização, escravidão, adaptações à realidade local. As substituições na panela goiana deram origem aos

Building the way

nossos pratos típicos” (PEREIRA, 2021, p.33). No conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, o autor retrata a simplicidade desta culinária através deste relato:

A velha trouxe-lhe um prato de folhas e ele começou a atirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de Barro. Era um feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra (ÉLIS, 2005, p. 4).

118

Como pode-se constatar, elementos da religião e da culinária praticados em Goiás evidenciam uma paisagem cultura múltipla. A paisagem tem ligação com a cultura, à ideia das formas visíveis do espaço vivido. A dimensão desta paisagem é dimensão do que é perceptível na relação com o espaço, sendo assim, a captura de todos os sentidos. A paisagem tem, assim, um sentido político, sendo um meio de expressar sentimentos, ideias e valores (COSGROVE, 1998).

Em seu poema *Primeira Chuva*, Bernardo Élis (1971, p. 04) expressa uma narrativa que sintetiza as visões sensoriais que traduzem as paisagens do sertão goiano.

Quentura de noite pejada de nuvens baixas e negras
Bambos bamboleiros de trovão soturno
batendo tímpano bambo de zabumba do horizonte
Trovão apagado, saudoso, distante,
Depois da chuva em grossos pingos
sobre os telhados,
Na poeira ressequida das estradas,
na terra ressequida das queimadas,
desprendendo um cheiro forte de gestação.

A percepção desta paisagem se dá em todas as dimensões do que é visualizado e sentido neste poema. Os versos da narrativa transmitem a sensação de calor que antecede um momento chuvoso, seguido de uma representação visual da sonoridade dos trovões ao ser percebido ao longe. Isso revela não só o longo período de estiagem no Cerrado, mas a chegada paulatina da chuva nas terras ressequidas. Chuva que pode ser ouvida ao cair sobre o telhado das casas camponesas de forma vigorosa. O cheiro peculiar da terra molhada é associado ao “cheiro forte da gestação”, que representa a mistura de odores exalados na hora de um parto, representando o ressurgimento da vida e revigorada da fauna e flora transformadas e áridas no período da seca.

Building the way

Nos trechos de cantigas de moda de viola reportados nos contos *Rosa e Veranico de Janeiro* é demonstrada a reflexão da paisagem social dos territórios sertanejos. A moda é ilustrativa das relações sociais entre o lavrador, os coronéis e grandes fazendeiros do sertão goiano. Os versos musicados demonstram que são fontes de interpretação literogeográfica da sociedade dos anos de 1940 no estado de Goiás.

119

Coitado do lavrador
Que veve à custa do braço,
Ainda sendo cavador.
Luta com muito embaraço,
Porque os explorador
Hoje em dia são òs maço.
(ÉLIS, 1979, p. 03).

A figura emblemática do lavrador, camponês e sertanejo, suplanta o bucolismo romântico ou até mesmo com o escapismo simbolista, para traduzir as características sociais, políticas, econômicas da formação social goiana.

Carregada de religiosidade, os versos de Folia de Reis e Congos explicam a devoção e a influência religiosa na sociedade com a presença dos rituais religiosos, enredos e elementos que representavam o catolicismo popular. Eles também expressam o sincretismo envolvendo as heranças culturais e religiosas dos afrodescendentes no território goiano. Isso, enquanto a religiosidade católica era imposta pelos coronéis e fazendeiros aos seus agregados.

Nos versos do poema *Negro Malandro*, Bernardo Élis no livro *Primeira Chuva*, interpreta que aos poucos parte da identidade africana vai deixando de existir e surge, então, um novo prisma cultural que por ora segue os ditames e legados de uma classe dominante. Algumas estrofes do poema contribuem com a interpretação proposta.

Neco vendia quitanda na rua
Seu pai era negro retinto.
sem vergonha, de venta larga,
filho de escrava cativa.
Fedia senzala
e dizia, entrando nas casas dos brancos:
_ São cristo, patrão.
Tocava viola,
cantava catira,
saía de congo nas festas de São Benedito.

Mas Neco subiu:
botou seu boteco,
andava de terno de linho...
Então proibiu o negro velho.
(seus cabelos estavam foveiros e ele caduco roncava sozinho),
proibiu-lhe sair de congo
e andar descalço.

Por isso, na Festa do Divino,
ouvindo o ronco da zabumba
batendo, batendo, soturna, molenga,
o negro chorou, lembrando a mesada.
Ele queria contar atras do reisado:

“ô sinho rei,
Ô sinhá rainha,
Bamo nos andano
Que o dia hoje é nosso
E está se acabando.”

Os congos bizarros
passaram gritando
na rua cheia de sol e poeira:
(ÉLIS, 1971, p. 21).

O poema de Bernardo Élis, nos primeiros versos, sinaliza elementos da genealogia de Neco. Percebe-se nos versos e estrofes do poema a representação da submissão de negros às determinações culturais dos brancos coronéis e fazendeiros. Com efeito, compelidos a seguirem os padrões não somente religiosos, mas também nas vestimentas, no vocabulário, nos hábitos e costumes. Curado (2021, p.08) diz que no poema há “[...] uma nítida afirmação identitária prevalecendo sobre a nova situação econômica, que remete ao fato de escravos ao serem libertos adquirirem seus semelhantes como escravos; era assim que o velho se sentia diante das imposições do filho”. Além disso, o mesmo autor ainda comenta: “E diante do altar em que muitas vezes homenageou os “santos pretos”, agora lhes pedia que pudesse voltar a festejar-lhes os dias festivos, travestindo-se de Congo” (CURADO, 2021, p.08).

Curado (2021) afirma que “[...] nascido 27 anos após a “Lei Áurea”, às margens do Rio Corumbá, local de extração aurífera utilizadora da mão de obra escrava, Bernardo Élis, conviveu com sinais da escravidão ainda presentes nas memórias de seus ascendentes”. Esse convívio de Bernardo Élis com descendentes de escravos, trabalhadores explorados, contadores de casos, injustiçados e feridos do sertão, preencheu suas narrativas do fabuloso mundo do sertão goiano. Por isso, as

Building the way

paisagens culturais desse vasto espaço de saberes, credences, imaginários e relações de trabalho opressivas fizeram de sua literatura uma fonte fundamental para interpretar a formação social de Goiás.

Considerações Finais

A obra de Bernardo Élis é uma referência primordial para aqueles que se aventuram no estudo da literatura regionalista produzida em Goiás. O autor escreveu contos, romances e poemas que traduzem tempos e espaços da formação social goiana. O mundo rural profundo devido os vultos de imaginários, medos, crenças, saberes e paisagens que traduzem a cultura sertaneja.

Neste artigo, a interpretação de contos e poemas dos livros *Veranico de Janeiro* e *Primeira Chuva* revelou a importância das paisagens culturais representadas em versos e prosas bernardianas. Entre os componentes das paisagens culturais, o catolicismo popular praticado através de festejos, terços, benzeções, simpatias e folias de reis é expressivo do continente cultural do sertão goiano.

Finalmente, os resultados apresentados no decorrer do artigo fortalecem as interpretações literogeográficas da literatura regionalista feita em Goiás, especialmente focada na obra de Bernardo Élis. Demonstrou-se que esse escritor vasculhou o espaço e as paisagens do sertão para preencher suas narrativas ficcionais com o mundo da cultura que arvora nos ermos goianos. Nos assombros do sertão, sua literatura foi tecida a partir de uma estética bela e combativa.

REFERÊNCIAS

BLACHE, Vidal de La. **Princípios de geografia humana**. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1954.

BORGES, Júlio César Pereira. **Fazenda-roça goiana**: matriz espacial do sertanejo e do território goiano. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2016.

CHAUL, Nasr Fayad. A Identidade Cultural do Goiano. **Cerrado/Artigos**, Goiânia, p. 42-43, 2011.

CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 5. ed. Goiás: Editora UFG, 2018.

Building the way

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. As paisagens de Bernardo Élis na obra Veranico de Janeiro. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 3, p. 81 a 109, dez. 2011.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 2. ed. Santa Catarina: Editora UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 222-236.

CURADO, João Guilherme. Personagens negros em obras de Bernardo Élis. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v.10, n.4, p.1-14, nov., 2021

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

ÉLIS, Bernardo. **Primeira Chuva**. Goiânia/GO: Oriente, 1971.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. 1. ed. Coleção Contistas e Cronistas do Brasil, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PALACÍN, Luís. **1722-1822 – Goiás: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas**. 1972. Tese de Livre-Docência. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal de Goiás, 1972.

PALACÍN, Luís. **A Fundação de Goiânia e o desenvolvimento de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1976.

PALACÍN, Luís. **Sociedade Colonial: 1549-1599**. Goiânia: Ed. da UFG, 1981.

PEREIRA, Augusto. **Goianidade: retratos da identidade do povo goiano**. Goiânia, 2021.

PRIMEIRAS CHUVAS, poema de Bernardo Élis. Fonte: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/goias/bernardo_ellis.html. Acesso em 23/03/2022.

SILVA, Rogério Chaves da. **Reflexões sobre o “fazer histórico”**: Uma história da historiografia em (sobre) Goiás (da década de 1920 à de 1990. Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2015.

SILVA, Sandro Dutra. Et.al. O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar. 2017, p.93-110.